



DA MELANINA DAS PANTERAS AO RECONHECIMENTO DE SI: PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO RACIAL NO PIBID/PEDAGOGIA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO - UFAC

ASSIS, Maria Eduarda de Lima ¹
SILVA, Evanilza Ferreira da ²
RAMOS, Francisca Karoline Rodrigues Braga³
SANTOS, Adriana Ramos dos⁴

RESUMO: Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre identidade racial e acolhimento, utilizando a literatura infantil como base estratégica para a educação antirracista no Ensino Fundamental I. O objetivo principal é promover a consciência racial e o sentimento de pertencimento entre estudantes do 2º ano, fundamentando-se na obra "Cada um Com Seu Jeito, Cada Jeito é de Um!", de Lucimar Rosa Dias (2012). A metodologia baseou-se em atividades de regência desenvolvidas no âmbito do PIBID, vinculadas ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre. Realizamos a leitura mediada do livro paradidático por meio de vídeo e orientamos a produção de ilustrações autorais que descreviam detalhadamente o nome, a cor e as características de personalidade de cada aluno. Aplicamos a dinâmica de grupo para discutir as produções individuais, buscando conectar as histórias pessoais à narrativa literária apresentada em sala de aula. Durante a aplicação, observamos diferentes percepções das crianças acerca de suas ancestralidades e características físicas, o que gerou diálogos profundos sobre a diversidade étnico-racial brasileira. Analisamos que a utilização do desenho como recurso expressivo facilitou a exteriorização de subjetividades e fortaleceu os vínculos socioemocionais no ambiente escolar de forma lúdica. Encontramos uma resposta altamente positiva quanto à representatividade, permitindo que as crianças se reconhecessem positivamente em suas identidades e nas dos colegas. Os resultados demonstraram que a mediação docente através da literatura infantil é um instrumento essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas críticas e inclusivas. Tais vivências sugerem que o acolhimento das diferenças na alfabetização inicial consolida as bases para uma postura empática e o efetivo combate ao preconceito.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Diversidade étnico-racial; Literatura Infantil.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduando em Licenciatura em Pedagogia, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), Universidade Federal do Acre, *Campus* Sede - Rio Branco, maria.eduarda.l.a@sou.ufac.br.

² Professora do Colégio de Aplicação, Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade Federal do Acre, *Campus* Sede - Rio Branco, evanilza.silva@ufac.br

³ Professora Supervisora Colégio de Aplicação, Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre, Universidade Federal do Acre, *Campus* Sede - Rio Branco, francisca.ramos@ufac.br.

⁴ Professora coordenadora: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná, Docente da Universidade Federal do Acre. adriana.santos@ufac.br.



O presente resumo tem como propósito central a análise e a sistematização dos saberes construídos durante o estágio de iniciação à docência no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre (UFAC), no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). A narrativa busca detalhar o planejamento e a execução de uma atividade pedagógica específica, trazendo discussões sobre identidades e os resultados alcançados no ambiente escolar. Para além da descrição técnica, o texto propõe uma reflexão aprofundada sobre a correlação entre teoria e prática, destacando como essa imersão institucional contribuiu para o desenvolvimento de competências fundamentais e para a consolidação da identidade como futura educadora.

Para iniciar a análise da experiência, vale ressaltar que o Colégio de Aplicação (CAp/UFAC), dada sua função social de espaço para a investigação e prática pedagógica (Libâneo, 2017), oferece um ambiente fértil para que licenciandos atuem como bolsistas de iniciação à docência. Nesse cenário, o bolsista é instruído a planejar e executar ações que integram o ensino, a pesquisa e a extensão, permitindo uma imersão real na complexidade escolar. Tal vivência é o que fundamenta a construção da autonomia profissional, entendendo que essa capacidade não é um dom, mas um processo de "aprender a ser" que se consolida na prática cotidiana e na reflexão crítica sobre a própria ação (Pimenta; Ghedin, 2012).

Diante desse contexto, este resumo descreve uma intervenção pedagógica conduzida pela primeira autora, na condição de bolsista do PIBID e graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre, em colaboração com a professora regente de uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental. Metodologicamente, a atividade baseou-se na mediação de leitura da obra "Cada um Com Seu Jeito, Cada Jeito é de Um!", de Lucimar Rosa Dias (2012), seguida pela produção de ilustrações e descrições autorais pelos alunos. O processo educativo integrou a exibição de um vídeo com a narrativa, diálogos reflexivos e prática artística, promovendo a articulação entre literatura infantil, expressão criativa e identidade racial no cotidiano escolar.

A base teórica que sustenta este relato articula conceitos convergentes que dão suporte à intervenção apresentada. Compreendemos a literatura infantil como um instrumento de diálogo capaz de fomentar o imaginário infantil e permitir que a criança atribua novos sentidos à realidade que a cerca (Machado, 2010). A atividade



lúdica a partir da produção de ilustração, por sua vez, constitui-se como uma linguagem expressiva fundamental para a materialização da autoimagem e a representação da diversidade fenotípica, sendo um suporte onde a criança projeta sua percepção sobre si e sobre o outro (Ostetto, 2012). Logo, o processo de criação e afirmação da identidade racial é fundamental, pois, como demonstra Nilma Lino Gomes (2017), o reconhecimento do corpo e da estética negra na infância requer espaços pedagógicos que combatam o silenciamento, permitindo que as subjetividades racializadas emergam com dignidade. Além disso, conforme aponta Petit (2009), a literatura oferece à criança os recursos simbólicos para que ela construa seu próprio relato, sendo peça-chave na apropriação da linguagem escrita e na estruturação do pensamento. e também para o fortalecimento do letramento racial e da consciência identitária (Schucman, 2014).

A aula foi motivada a partir de diálogos em sala de aula com a bolsista PIBID em um momento de regência, em que surgiu o questionamento de: “Por que as nossas panteras são iguais às onças?” Necessitando de uma explicação sobre melanina em animais silvestres e suas características que se mantinham e se alteravam decorrente desse fator genético. Após a explicação, surgiu outro questionamento, “Mas o que é melanina?”.

Após o questionamento, foi explicado de modo simplificado que a melanina era o que dava cor aos olhos, ao cabelo e à pele, seguindo o exemplo de que pessoas pretas tem mais melanina que pessoas brancas. Posterior a explicação, um aluno emitiu o comentário: “Aí vc me quebra, preto não, chama pelo menos de moreno.”

O comentário realizado pelo aluno promoveu a necessidade do estudo sobre identidade racial e reconhecimento dentro de uma sociedade, pois, como afirma Gomes (2005, p. 43), “o uso de eufemismos como "moreno" revela o desejo de branqueamento e a dificuldade de assumir a identidade negra em uma sociedade que ainda associa a negritude a valores negativos”. Assim, o papel da escola é transformar essa percepção, permitindo que o aluno se reconheça e se orgulhe de sua cor e de sua história, incentivando a prática de uma educação antirracista.

Durante a prática, observou-se o engajamento dos alunos na contação de história e na produção de desenhos. A elaboração das produções visuais atuou como um catalisador para a autoafirmação e o reconhecimento identitário, demonstrando que a intervenção pedagógica, ao unir o texto literário às artes



plásticas, cria um espaço seguro para a emergência das subjetividades e o acolhimento das diversidades.

Dessa forma, a experiência realizada no Colégio de Aplicação – UFAC demonstrou-se significativa por estimular a autonomia discente, valorizar a criatividade e favorecer o diálogo sobre identidade racial. Para a formação docente inicial, representou um espaço de experimentação e reflexão sobre práticas pedagógicas significativas, confirmando que a integração entre literatura, ludicidade e sensibilidade educativa é eficaz para o desenvolvimento integral dos alunos.

Em suma, a experiência realizada no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre, consolidou-se como uma prática potente, ao fomentar o protagonismo dos estudantes e priorizar o letramento racial por meio da criatividade. No âmbito da formação docente inicial, a experiência constituiu um fecundo campo de práxis, reiterando que a articulação entre o texto literário, a ludicidade e a mediação sensível é determinante para uma educação que contemple a integridade do sujeito e o reconhecimento de sua identidade.

2 METODOLOGIA

A aula estruturou-se metodologicamente em três atos sequenciais, sendo a contação da história, o diálogo e a criação artística. O processo iniciou-se com a leitura da obra "Cada um Com Seu Jeito, Cada Jeito é de Um!", de Lucimar Rosa Dias (2012), de forma acessível via vídeo no *youtube*. Esse primeiro momento teve como objetivo principal criar um repertório com um campo de identidade para a discussão subsequente sobre a personalidade e características físicas presentes no cotidiano. Segundo Dias (2012), oferecer histórias com protagonistas negros é uma estratégia fundamental de letramento racial, pois permite que a criança construa uma autoimagem positiva ao ver sua beleza e seu jeito de ser legitimados pela narrativa literária.

Em seguida, foi promovido um diálogo reflexivo sobre a obra, em que os alunos foram convidados a externalizar e compartilhar as suas ideias sobre a obra, se apropriando de conceitos até então desconhecidos por alguns colegas. O diálogo buscou relacionar os elementos do livro ao cotidiano das crianças, identificando situações reais que provocam sensações similares às citadas na obra. Esta etapa dialógica foi crucial para a mediação das relações étnico-raciais, visto que, para



Silva (2007), educar requer criar estratégias para que os diferentes sujeitos aprendam a se olhar, a se reconhecer e a valorizar as raízes que constituem sua identidade. Essa prática não só validou os traços de personalidade dos alunos, mas também os transformou em objeto de conhecimento coletivo.

Após a fundamentação identitária e literária, foi sugerido a produção de suas próprias ilustrações, respondendo às perguntas, de “Qual é o seu nome, Cor e Jeito?”. Esta atividade proporcionou diversas ilustrações criativas, permitindo aos alunos realizarem o seu desenho em formato de autorretrato, reafirmando os seus traços e também a sua personalidade. Essa afirmação visual vai ao encontro do que propõe Gomes (2017), ao afirmar que o reconhecimento e a valorização das características físicas negroides desde a infância são essenciais para que a criança construa uma consciência racial plena, transformando seu corpo e sua estética em fontes de orgulho e não de exclusão.

A metodologia aplicada teve como objetivo o autoconhecimento e a construção de uma identidade racial positiva, priorizando o sentimento de pertencimento das crianças ao naturalizar e valorizar a estética negra e suas características físicas, como o tom de pele, texturas do cabelo e do nariz, sendo essas características singulares e potentes.

A proposta buscou desconstruir estigmas de inferioridade historicamente atribuídos a esses traços, substituindo-os por uma educação antirracista pautada no respeito e no reconhecimento das individualidades. Nesse sentido, a atividade foi estruturada para oferecer uma atmosfera de segurança onde os alunos pudessem se perceber como sujeitos racializados, transformando o diálogo e suas experiências em um acolhimento genuíno. Mais do que um evento pontual, a prática visou o desenvolvimento de um letramento racial crítico, capacitando os alunos a lidarem com os desafios identitários do cotidiano.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência foi desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) com a obra “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!” (2012) apresentou resultados e produções significativas, incentivando a criatividade e facilitando a conexão das crianças com a construção de suas próprias identidades raciais. A atividade evidenciou o potencial da literatura infantil como ferramenta mediadora para o reconhecimento da diversidade e o fortalecimento da



autoestima negra, habilidades essenciais para o desenvolvimento de uma postura crítica e de pertencimento (Gomes, 2017).

A prática iniciou-se com a organização do ambiente e a articulação com a professora regente, estabelecendo uma parceria fundamental para a condução da proposta sob uma perspectiva antirracista. A leitura da obra, selecionada estrategicamente via *youtube*, visou despertar a curiosidade e promover a valorização das características físicas e subjetivas dos estudantes. Conforme sugere Dias (2012), a mediação de narrativas que trazem o protagonismo negro e celebram as diferenças é fundamental para que a criança construa sentidos positivos sobre si mesma, rompendo com silenciamentos históricos no ambiente escolar.

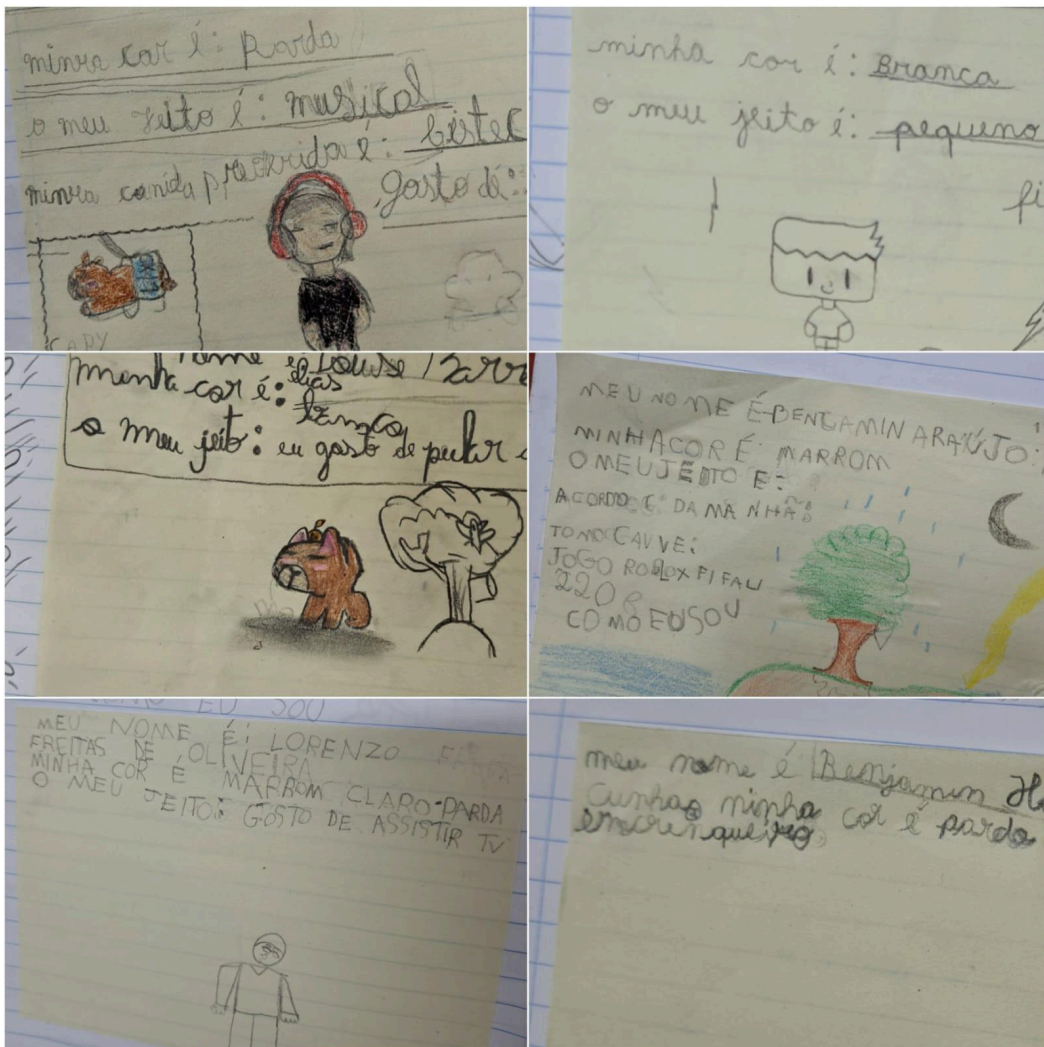
Nesse sentido, o diálogo realizado em sala de aula após a contação da história deu vazão a diversos relatos dos alunos sobre vivências de racismo no cotidiano, direcionando a discussão para a urgência de uma educação antirracista como fundamento para o desenvolvimento pleno dos sujeitos em sociedade.

A análise das produções artísticas e das narrativas dos estudantes proporcionou um momento de escuta sensível, reforçando a relevância do autoconhecimento e da aceitação das singularidades, gerando comentários como: “Ah, o meu nariz é assim porque meu pai é preto, puxei a ele!”, “Minha mãe é branca e meu pai é negro, então eu sou parda.” e “Gosto do meu cabelo cacheado, minha mãe sempre faz vários penteados.”

Conforme observado na figura 1, após as expressões artísticas e diálogos, foi observado que muitos alunos iniciaram um processo de autorreconhecimento como sujeitos pardos e pretos, identificando em seus próprios traços fenotípicos, como a textura do cabelo e o tom da pele elementos de beleza e orgulho. Essa percepção foi fundamental para que a estética negra deixasse de ser um campo de silenciamento e passasse a ser celebrada como parte constituinte de suas dignidades e personalidades individuais.



Figura 1: Ilustrações dos alunos sobre identidade racial.



Fonte: Acervo do PIBID/PEDAGOGIA/UFAC (2026).

Ao validarem suas identidades e seus traços de modo coletivo, as crianças demonstraram que a mediação literária, quando aliada à escuta sensível, é capaz de transformar a visão sobre si mesmas, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a autoestima necessária para o enfrentamento de estigmas sociais.

Nesse contexto, o diálogo reflexivo estabelecido pelas professoras foi essencial para criar um ambiente de acolhimento às subjetividades, permitindo que os estudantes se aventurassem na descoberta de suas raízes. A atividade com as ilustrações se demonstrou como um espaço de proteção e criação, por meio do qual as crianças acessam recursos para elaborar e expressar sua identidade física e cultural. Essa prática transformou o desafio do reconhecimento racial em uma materialização tangível e positiva, possibilitando que as características individuais



fossem celebradas e validadas pelo grupo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa vivência pedagógica demonstrou ser um marco relevante para a iniciação à docência e para o desenvolvimento dos alunos, ao integrar sensibilidade educativa e compromisso antirracista. A atmosfera de acolhimento permitiu que as crianças exercitem sua autonomia e reconhecessem a beleza de seus próprios traços, os valorizando. Dessa forma, a experiência ratificou a importância de currículos que priorizem a diversidade, comprovando que a literatura infantil é um suporte primordial para a construção de uma autoimagem positiva e digna.

Esta vivência representou um aprendizado fundamental para a formação docente inicial, evidenciando que o livro infantil é um recurso político e pedagógico capaz de ir além da superfície textual. A obra se apresentou como um disparador para reflexões profundas sobre a condição racializada das crianças, provando ser muito mais que um objeto de lazer. Ficou demonstrado que uma mediação sensível e comprometida com a equidade transforma a leitura em um instrumento de atividades expressivas, incentivando os alunos ao hábito da leitura e promovendo uma compreensão mais complexa de si e do mundo.

Por fim, a decisão de enfrentar o silenciamento sobre a cor e a estética preta mostrou-se um elemento-chave para fomentar uma participação ativa por parte dos alunos. Ao trazer à tona assuntos complexos, criou-se um espaço seguro e acolhedor onde o diálogo genuíno e a escuta ativa foram pilares para a atividade. Como resultado, pude observar uma participação cada vez mais autônoma dos alunos em seu próprio processo de aprendizagem. O processo tornou-se, assim, tão importante quanto a proposta, validando não apenas suas produções intelectuais e artísticas, mas, de forma mais significativa, valorizou a identidade das crianças.

5 AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, da Universidade Federal do Acre, ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) pela oportunidade de vivenciar a docência no Colégio de Aplicação.

Manifesto um reconhecimento especial à supervisora Francisca Karoline e à coordenadora Adriana Ramos, pelo incentivo fundamental à sistematização deste relato. Estendo o agradecimento à professora regente Evanilza, cuja mentoria e acolhimento junto à turma do 2º ano foram determinantes. A convivência com profissionais de tamanha excelência foi um pilar indispensável para a consolidação da minha formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

- DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!** 3. ed. Curitiba: Alvorada, 2012.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** uma breve discussão. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- MACHADO, Regina. **Acordais:** fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil:** arte, música e movimento. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler ou a resistência à adversidade.** São Paulo: Editora 34, 2009.
- PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil:** gênese e crítica de um conceito. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo:** branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprendizagem e ensino das relações étnico-raciais.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.